



DESILUSÃO NO POEMA ANIVERSÁRIO DE ÁLVARO DE CAMPOS

DESILUSION IN THE POEM OF ÁLVARO DE CAMPOS

Giseli Rodrigues Corrêa¹

RESUMO: O presente trabalho tem por objeto analisar a concepção literária de poesia presente no poema Aniversário, de Álvaro de Campos. Partindo do princípio da “Poética”, nos tempos clássicos, não designa nenhuma extensão, nenhuma espessura particular do sentimento, nenhuma coerência, nenhum universo separado, mas somente a inflexão de uma técnica verbal, a de “exprimir-se” segundo regras mais belas, portanto mais sociais, que as da conversação, ou seja, projetar para fora de um pensamento interior saído já armado do Espírito, uma fala sociabilizada pela própria evidência de sua convenção. O pensamento clássico é sem duração, a poesia clássica possui apenas o que é necessária ao seu arranjo técnico. Na poética moderna, pelo contrário, as palavras produzem uma espécie de contínuo formal do qual emana aos poucos uma densidade intelectual ou sentimental impossível sem elas, destrói a natureza espontaneamente funcional da linguagem para deixar subsistir-lhe apenas os alicerces lexicais. Das relações, ela só conserva o movimento, a música, não a verdade, presentes no poema.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia, linguagem, Álvaro de Campos, identidade, técnica.

ABSTRACT: This work tries to analyse the conception about poetic literature in Aniversário poem of Álvaro de Campos. The beginning about “Poetic”, at the classic time, not design any extension, any particular feeling, any coherency, any separate universe, but just only a verbal tecnic, that feels according beautiful rule, more social than speaking, you can project outside your interior thinking constructed through spirit, a social speaking itself convention. The classic thinking is endless, a poetic classic is a tecnic. At the modern, although, words produce a continuous formal specific that produces little by little a intellectual density or a impossible feeling without them, that destructs a function nature about language to substitute a lexical. about this relation, a language conserve a movement, a music, not a true, presents at the poem.

KEY-WORDS: Poetic, language, Álvaro de Campos, identity, tecnic.

INTRODUÇÃO

¹

Mestranda em Literatura e Crítica literária, PUCSP giselirc@uol.com.br.



Refletir sobre os poemas de Álvaro de Campos possibilita uma análise a respeito das várias concepções de poesia. Partindo da definição da palavra poesia, segundo as palavras de Fernando Segolin, “póiein”, etimologicamente, indica o ato de criar, o “fazer artístico”, independentemente de sua forma de expressão. A poesia é o tipo de mensagem lingüística específica em que o significante é tão visível quanto o significado, isto é, em que a “carne” das palavras é tão importante quanto o seu sentido.

A escolha deste nome “póiein” está intimamente ligada à “mimesis”(criar), que os gregos utilizaram, exatamente porque é preciso trabalhar a palavra para a construção de um poema. Essa civilização percebeu que a linguagem poética por meio da mimese imitativa (criar) as ações, sonhos, desejos não simplesmente para nomeá-los, mas para possibilitar a reprodução direta das sensações dos objetos e das pessoas.

IDENTIDADE NO POEMA ANIVERSÁRIO

Analisar o poema Aniversário nos leva a crer que no momento em que se pode conectar com a natureza e entrar em contato com as energias que ela oferece, almejamos buscar uma linguagem que não tem por objetivo formar conceitos, mas uma linguagem que expresse a verdade do contato com o outro. “Por mimese deve entender-se, naturalmente, um certo grau de obediência lingüística à norma e não à cópia exata da realidade exterior [...]” (PIMENTA, 1978, p.84). Por isso, a linguagem não é somente um conjunto de signos, mas um domínio absoluto sobre o homem e a sua relação com o mundo.

Por conseguinte, somos controlados e dominados por esta força externa que é a língua, proporcionando nos a sensação de que somos capazes de controlar as pessoas e as coisas ao nosso redor, mas na realidade é ela que nos controla. “É neste sentido que dizemos que a língua traça a priori um limite de conhecimento que impede que o indivíduo se conheça a si mesmo e conheça o mundo de modo concreto, isto é, fora da conceptualização por ela estabelecida” [...] (PIMENTA, 1978, p.78).

Vê-se assim que os primeiros homens sentiram a necessidade de utilizar uma linguagem que possibilitasse um contato com o “cosmo” que não tinha nada a ver com ele, pois independente do homem o sol nasce e se põe e os animais vivem e morrem, mas havia a necessidade de se entender o porquê que isto acontece.



Assim, o homem conscientemente busca uma definição de entender o porquê da nossa existência neste planeta, pois não somos apenas instinto e temos que encontrar explicações para as nossas ações do dia a dia. Nesse sentido, os poetas são seres especiais que fazem de suas poesias uma busca para explicar por meio da linguagem que utiliza as respostas às suas indagações sobre o ser humano e suas sensações.

Por isso, o trabalho do poeta é arquitetar esta linguagem que está intimamente ligada à liberdade de expressão, pois o homem num determinado momento de sua existência sentiu necessidade de criar uma linguagem que estabelecesse contato com o outro por meio de uma nova linguagem livre de regras. É nesse momento que o poeta utiliza a língua, mas livres de regras para construir suas poesias que se alimenta das transgressões da linguagem servindo como um instrumento lógico e ideológico da sociedade em que predomina o desvio de qualquer norma e transgredindo toda a ordem social.

“Desde que se use de palavras, usa-se de um instrumento ao tempo emotivo e intelectual. A palavra contém uma idéia e uma emoção. Por isso, não há prosa, nem a mais rigidamente científica que não ressuma qualquer suco emotivo.[...]”. (PESSOA, 2004, p.262). Dessa forma, a poesia é superior à prosa porque exprime não um grau superior de emoção, mas uma sensação que se exprime via o ritmo, rima e estrofe, ocupando-se de uma linguagem especial para explicar as sensações do homem se comunicar com os outros.

Para Pessoa a poesia era como uma missão, pois o papel do poeta é semear com as palavras a civilização por meio da arte poética. Toda arte é criação e faz com que o artista se importe com o fim social, fazendo da poesia ou das artes em geral a semente civilizatória e missionária. É por meio da arte que procuramos entrar em relação com o nosso outro, porque ela se alimenta do diálogo de todo o tipo de linguagem, seja a visual como a pintura, a teatral ou a poética buscando fazer com que nós passemos a compreender os pensamentos políticos, éticos ou estéticos.

“Toda a arte é uma forma de literatura, porque toda a arte é dizer qualquer coisa. Há duas formas de dizer-falar e estar calado. As artes que não são literatura são as projeções de um silêncio expressivo. [...]” (CAMPOS, 1998, p.261). Pois toda obra deseja refletir certos instantes sobre o passado e sobre o presente, em função das experiências vivenciadas pelos acontecimentos de uma sociedade.



“Isso implica considerar que a arte é uma forma de comunicação que ocorre dentro de um dos sistemas simbólicos utilizados pela totalidade social, neste caso o sistema lingüístico”[...]. (PIMENTA, 1978, p.14). Ou seja, a arte literária se define dentro de um processo de transformação da norma utilizada pela linguagem que por meio da despragmatização da língua, serve de veículo para todo o qualquer tipo de comunicação.

Portanto, neste trabalho procuraremos fazer uma leitura crítica e despragmatizada sobre o poema “Aniversário” de Álvaro de Campos, o poeta que nasceu de um poema intitulado “Ode Triunfal”, criado pelo poeta gênio- Fernando Pessoa.

“Álvaro de Campos nasceu em Tavira, no dia 15 de outubro de 1890 (às 1,30 da tarde, diz-me Ferreira Gomes; e é verdade, pois, feito o horóscopo para essa hora, está certo. Este, como sabe, é engenheiro naval (por Glasgow), mas agora está aqui em Lisboa na inatividade. [...] é alto 91,75 m de altura, mais 2 cm do que eu), magro e um pouco tendente a curvar-se. Cara rapada [...] entre branco e moreno, tipo vagamente de judeu português, cabelo, porém, liso e normalmente apartado ao lado, monóculo[...] teve uma educação vulgar de liceu; depois foi mandado para a Escócia estudar engenharia, primeiro mecânica e depois naval. Numas férias foi para o Oriente de onde resultou o “Opíario”. Ensinou-lhe latim um tio beirão que era padre. [...]”. (PESSOA, 1998, p.95).

“Pessoa cria o poema e só então lhe atribui um autor e, a este, uma biografia”. (BERARDINELLI, 1916, p.144). Ele foi um homem instável na sua vida e na sua obra. Além de fazer poesia, ele pensa a poesia. Para ele o obra poética era vista como uma missão na construção de uma sociedade de homens, preparados para a transformação da civilização. Álvaro de Campos representa a parte mais audaciosa de responsabilidade literária e extra-literária que Fernando Pessoa criou. Seus poemas são marcados pela oralidade e pela prolixidade que se espalha em versos longos, próximos da prosa, desprezando a rima ou métrica regular e despejando seus versos em torrentes de incontável desabafo. Tendo-lhe sido dada a faceta predominante da emoção impulsiva, encontramos em seus versos a expressão diretamente enunciada de seus sentimentos pessoais.

O heterônimo faz parte da fase de um poeta moderno, Álvaro de Campos, que Pessoa escreve seus poemas livre das rimas e metrificacão regular. Este momento do poeta é marcado por três fases. A primeira, Pessoa elaborava os seus projetos para depois concretizá-los. A segunda fase é a eufórica e entusiasmática do mundo moderno e a terceira



fase é a da desilusão, desencantamento e desânimo diante do destino que a vida o proporciona. Assim, o poeta se transforma num ser pluridimensional e representante de várias fases de sua vida.

A vontade criadora de Fernando Pessoa não está de forma alguma, por sua própria maneira de ser, condicionado mais que incidentalmente às atitudes significantes a que ele foi levado em seu próprio comportamento social, mas a tentativa de traduzir as sensações corriqueiras sem nos prender às regras impostas pela língua.

Para Pessoa, o exercício de se entregar à literatura, o que ele escreve sobre seus poemas e seus heterônimos parte a princípio de uma ligação com o real realizando uma experimentação de tudo ao mesmo tempo e se preocupando com a sensibilidade do leitor.

Portanto, o heterônimos correspondem a processos de conhecimento da complexidade cósmica, visto que esta ultrapassa o entendimento de uma só pessoa. Todavia, não poderiam multiplicar-se em quantidade igual à de todos os seres, um a um, que formaram e formarão a humanidade. Em vista disto, Fernando Pessoa fragmenta-se em heterônimos-símbolos, como se desenvolvesse as cosmovisões particulares.

O processo gerador de heterônimos corresponde a uma genial mistificação, na medida que os desdobramentos constituem máscaras de que Fernando Pessoa se vale para se esconder e revelar a íntima essência do seu psiquismo ou vice-versa. Por isso, a poesia ortônima, ou seja a que ele publicou com o próprio nome continua sendo heterônima, pois o verdadeiro Fernando Pessoa se manteria oculto atrás das máscaras.

Ele se expressaria igualmente em todas as configurações assumidas por seu talento imaginativo, mas se quisesse colocar o problema da “sinceridade”, poderia dizer que é através da figura de Álvaro de Campos, que Fernando Pessoa se mostra “sincero”, vale dizer, por intermédio dele, Fernando Pessoa teria revelado com sinceridade o que realmente existiria no fundo de sua mente.

Desse modo, as posições se trocariam e Álvaro de Campos seria o “Fernando Pessoa” de quem Fernando Pessoa ele-mesmo seria heterônimo, como se o poeta fosse Álvaro de Campos e Fernando Pessoa um seu heterônimo. Ele é influenciado pelo decadentismo simbolista, depois pelo futurismo e por fim amargurado escreve poemas pessimistas e desiludidos. O poema “Aniversário” pode-se enquadrar nesta última fase do poeta, pois demonstra amargura e melancolia em relação ao passado e pessimismo em relação à existência.



No poema “Aniversário”, Álvaro de Campos vai falar de seu desencantamento, contrapondo tempo do passado e da infância ao tempo presente. A época da infância é marcada pela inocência, pois a criança não tem noção do que se passa à sua volta. O passado era o tempo da infância feliz, da alegria, da inocência e da despreocupação partilhada com a família:

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu era feliz e ninguém estava morto.
Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos,
E a alegria de todos, e a minha, estava certa com uma religião qualquer.

O uso do pretérito imperfeito, “Eu era feliz e ninguém estava morto” reafirma o tempo passado que teve como duração o tempo da infância. Podemos refletir que o poeta foi aquilo que supunha ser porque na infância o sujeito poético é feliz, mas não sabia que era e em seu presente ele sente que já perdeu essa felicidade. O poeta percebe que a vida não tem mais sentido

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma.
De ser inteligente para entre a família,
E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim.
Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças.
Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida.

O poeta hoje “é terem vendido a casa”, ou seja é um vazio que perdeu inclusive o bem mais precioso, a sensação de totalidade, de alegria, de aconchego dada pela vida em família na infância longínqua. Infância como paraíso perdido, sentimento de nostalgia e saudade.

O que eu sou hoje é como a umidade no corredor do fim da casa,
Pondo gelado nas paredes...
O que eu sou hoje (e a casa dos que me amaram treme através das
minhas lágrimas),
O que eu sou hoje é terem vendido a casa,
É terem morrido todos,
É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo frio...



A seguinte estrofe desperta no leitor uma análise sobre o vazio do presente que o poeta está sentindo. Esta solidão é expressa por meio da imagem “Por uma viagem metafísica e carnal”, metáfora “Comer o passado como o pão da fome, sem tempo de manteiga nos dentes” e comparações “Que meu amor, como uma pessoa, esse tempo!”. Campos fala de sujeito poético que almeja expressar o seu desejo impossível de regresso, ou seja de recuperação do passado.

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...
Que meu amor, como uma pessoa, este tempo!
Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez,
Por uma viagem metafísica e carnal,
Com uma dualidade de eu para mim...
Comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes!

Na seguinte estrofe iniciada pelo verso “Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega para o que há aqui...”, o poeta fala da presentificação do passado eufórico que substitui o presente como um tempo degradado, de ausência, perda, vazio e solidão, ou seja um tempo sem sentido e triste.

Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega para o que há aqui ...
A mesa posta com mais lugares, com melhores desenhos na loiça, com mais copos,
O aparador com muitas coisas - doces, frutas, o resto na sombra debaixo do alçado - ,
As tias velhas, os primos diferentes, e tudo era por minha causa,
No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...

Assim, a festa de aniversário toma o aspecto simbólico de um ritual familiar no qual a criança se torna o centro de um mundo que a acolhe e protege carinhosamente. No presente, não há mais aniversários nem comemorações, pois resta ao poeta lembrar e reviver um passado de recordações de uma infância feliz. Na infância o poeta por não ter consciência é feliz, mas na vida adulta essa consciência se transforma em tristeza ao recordar do passado feliz, pois agora o poeta tem condições de responder aos seus pensamentos e na infância ele somente afirmava seus pensamentos.

Pára, meu coração!
Não penses! Deixa o pensar na cabeça!



Ao fim da leitura do poema sentimos um grande vazio, uma vez que percebemos que ele nos revela a desilusão do poeta diante da vida no presente levando nos a refletir sobre a nossa vida também e a nossa missão de nos conhecer verdadeiramente como ser humano neste planeta.

CONCLUSÃO

A afirmação de que a poesia é a sensação e, é através de sensações que se chega às verdades nos leva a crer que seja talvez essa a razão que a nossa civilização não busca entender poesia, pois vivemos num mundo tão perturbado que a sensibilidade é que leva o homem ao “cosmos” para que possa dialogar consigo mesmo; mas o homem não consegue ter dimensão desta sensibilidade e de seu lugar na sociedade humana. Somos co-criadores e através da representação mimética nos aproximamos dos seres e reduzimos a distância entre o outro. Ao criar, criamos um gesto em que o homem se afirma como essencial, necessário para a criatura. Essa sensação de essencialidade é uma manifestação da nossa existencialidade.

Normalmente quando o poeta explora essas várias possibilidades de criação gera poesia como fruto desse trabalho, que se o poeta está inspirado ou não, o que importa é o poema e não aquilo que gerou ou inspirou o poema. Aqui, o problema da poesia não é o da inspiração e sim o da técnica; e é exatamente isso que os gregos queriam dizer, o poeta é um imitador-criador no momento em que ele participa do espetáculo da criação, um designer da linguagem. Logo a poesia é fruto da inquietação, uma linguagem onde não entendemos o significado, mas experimentamos este significado, exhibe os vários saberes interrogativamente, pois as verdades são débeis e substituíveis. Sua essência é uma transgressão que se apóia na mimese e uma ação de um desejo contínuo de busca.

ANIVERSÁRIO

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu era feliz e ninguém estava morto.
Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos,
E a alegria de todos, e a minha, estava certa com uma religião qualquer.



No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma,
De ser inteligente para entre a família,
E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim.
Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças.
Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida.

Sim, o que fui de suposto a mim-mesmo,
O que fui de coração e parentesco.
O que fui de serões de meia-província,
O que fui de amarem-me e eu ser menino,
O que fui --- ai, meu Deus!, o que só hoje sei que fui...
A que distância!...

(Nem o acho...)

O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!

O que eu sou hoje é como a umidade no corredor do fim da casa,
Pondo gelado nas paredes...
O que eu sou hoje (e a casa dos que me amaram treme através das minhas
lágrimas),
O que eu sou hoje é terem vendido a casa,
É terem morrido todos,
É estar eu sobrevivente a mim-mesmo como um fósforo frio...

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos...
Que meu amor, como uma pessoa, esse tempo!
Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez,
Por uma viagem metafísica e carnal,
Com uma dualidade de eu para mim...
Comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga nos dentes!

Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega para o que há aqui...
A mesa posta com mais lugares, com melhores desenhos na loiça,



com mais copos,
O aparador com muitas coisas — doces, frutas o resto na sombra debaixo do
alçado---,
As tias velhas, os primos diferentes, e tudo era por minha causa, No tempo em que
festejavam o dia dos meus anos...

Pára, meu coração!
Não penses! Deixa o pensar na cabeça!
Ó meu Deus, meu Deus, meu Deus!
Hoje já não faço anos.
Duro.
Somam-se-me dias.
Serei velho quando o for.
Mais nada.
Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!...

O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!...

Álvaro de Campos, 15-10-1929

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Ars Poética, 1992.
- BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1980
- BARTHES, Roland. **Novos Ensaios Críticos seguidos de o grau zero da escritura**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- BERARDINELLI, Cleonice. **Fernando Pessoa: Outra vez te revejo...** Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2004.
- BRASILEIRO, Antônio. *As formas da inspiração*. In; **Da inutilidade da Poesia**. Salvador: EDFBA, 2002.
- COELHO, Jacinto do Prado. **Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa**, Lisboa, 2ª ed, 1963.
- LOURENÇO, Eduardo. **Fernando Pessoa Revisitado**. Moraes, 2ª edição, 1981.



Travessias número 01 revistatravessias@gmail.com
Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte.

MERQUIOR, José Guilherme. **A Astúcia da Mímese** (ensaios sobre lírica). Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1972.

PESSOA, Fernando. **Obras em Prosa**. Organização, Introdução e Notas de Cleonice Beradinelli, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1998.

PIMENTA, Alberto. *Da poetologia à poetografia e Da compreensão ao silêncio*. In: **O silêncio dos Poetas**. Lisboa: A regra do Jogo, 1978.

SEGOLIN, Fernando. **Fernando Pessoa. Poesia, Transgressão, Utopia**. São Paulo, Educ, 1992.